



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA

MARIA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS SILVA

**REZAR, COZER E COSTURAR: MEMÓRIAS DAS ESTUDANTES DO
EDUCANDÁRIO (ÁGUA BRANCA/AL 1965-1975)**

DELMIRO GOUVEIA

2021

MARIA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS SILVA

**REZAR, COZER E COSTURAR: MEMÓRIAS DAS ESTUDANTES DO
EDUCANDÁRIO (ÁGUA BRANCA/AL 1965-1975)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História, pela Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão.

Orientadora: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva.

DELMIRO GOUVEIA

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva CRB-4/22063

S586r Silva, Maria Lúcia Pereira dos Santos

Rezar, cozer e costurar: memórias das estudantes do educandário (Água Branca/AL 1965-1975) / Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva. – 2021.

51 f. : il.

Orientação: Sheyla Farias Silva.

Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Ensino. 2. História – Alagoas. 3. Religião. 3. Memória. I. Título.

CDU: 981(813.5)

MARIA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS SILVA

**REZAR, COZER E COSTURAR: MEMÓRIAS DAS ESTUDANTES DO
EDUCANDÁRIO (ÁGUA BRANCA/AL 1965-1975).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História, pela Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão e aprovado em 30 de junho de 2021.

Sheyla Farias Silva

Profa. Ma. Sheyla Farias Silva - UFAL (Orientadora)

Banca Examinadora:

Marcos Ricardo de Lima

Prof. Dr. Marcos Ricardo de Lima - UFAL (Avaliador interno)

Vladimir José Dantas

rof. Me. Vladimir José Dantas - SEDUC - SERGIPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu fé para concluir esta etapa da minha vida, que não foi fácil. Aos meus professores desde o ensino fundamental, primário, em especial as Professoras Erivalda, Socorro, Rivéria, Rosilda e Edmilda.

Dedico este trabalho a meu pai Joaquim Ferreira (*in memoriam*), minha tia Senhorinha (*in memoriam*), meu padrinho Bartolomeu (*in memoriam*), minhas madrinhas Cícera e Aparecida Gonçalves (*in memoriam*), meu primo Manuel, “Nuquinha” (*in memoriam*), meus primos Hélio e Sandra, a tio Herculano e Precilia (*in memoriam*) e tia Lilian (*in memoriam*), meus primos Zezinho, Sérgio (*in memoriam*) e Miguel (*in memoriam*). A meus irmãos de modo geral e todos familiares que contribuíram de alguma maneira.

Dedico a todos meus amigos e amigas, Edna Duarte, Segismundo Cerqueira, Kerly, Elcilene, Kerlyne Monetenegro, Larisse, Edriano e família, Larissa Feitosa, Antonio Martins, Defina, Maria José, a Nilza Teixeira e família, que me acolheram nos momentos mais difíceis da minha vida até o presente momento, a Ivanilda, minha amiga, vizinha e ex-professora por sempre estar preocupada comigo. Ela sempre fazia minha marmitta para que, quando chegasse da UFAL, não dormisse sem jantar. Obrigada pelos conselhos e incentivos de modo geral.

Aos meus sobrinhos de sangue e coração, Geovan, Hélio, Luiz Carlos, Alessandro, Sandra, Fernando, Sílvio (*in memoriam*), Conceição, Adriely, José Matheus, Sonia, Alicia, Fatima, Gabriel, Rivaleno e Cícero. Ao meu esposo Sérgio Pedro, por toda a paciência, compreensão e companheirismo. Aos Professores da UFAL de modo geral, em especial a Carla Taciane, Ricardo Almeida, Ana Pereira, José Vieira, Viviane Costa, Leônidas, Flávio Aguiar, Gustavo Gomes, Wagner Bijagó, Victor Almeida, Gutemberg Miranda, Magno Francisco, Vladimir Dantas, Ana Cristina Santos, Maria Aparecida Silva, Marcos Ricardo, Aruã de Lima, e ao professor Fernando Pinto com seu projeto de aulas de xadrez que muito me ajudou nos problemas de saúde.

Agradeço a meus amigos de turma, especialmente a Fernando Júnior, Claudiely, Lizandra, Bia, Thiago, Michelly, Franherly, Aparecida, Adriano, Valdeir, Victor, Josy, Tatiane e todos e todas que fazem de maneira geral possível funcionar a UFAL Sertão, o lugar em que tive uma experiência ímpar e referência enquanto ensino, pesquisa e extensão.

À minha orientadora, Professora Sheyla Farias, pela partilha, oportunidade, paciência e apoio durante todo o processo de construção deste trabalho. Deixo meu obrigado ainda ao Pe. Aparecido, Pe. Edgar e meus amigos de *lan house*, Fernando, Elson e Vinicius por todo o

apoio e paciência, à psicóloga Ana Carolina (UFAL) e às assistentes sociais Geiza e Edilma (UFAL).

RESUMO

A participação *a priori* no Projeto de Extensão “Maculando os véus de Mnemósine: organização, catalogação e descrição dos registros eclesiásticos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição – Água Branca/AL”, coordenado pela Profa. Ma. Sheyla Farias, despertou em mim o interesse em compreender o papel desempenhado pelo Educandário Nossa Senhora do Rosário no município de Água Branca. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é analisar o processo de inserção das alunas do Educandário da cidade de Água Branca-AL na vida social e religiosa. Examinamos, ainda, como a conduta das alunas, presente na documentação, esteve ligada intimamente às suas condições sociais e investigando as relações sociais entre as alunas e como atualmente estão na sociedade, a partir das entrevistas. Esta pesquisa é de cunho exploratório e descritivo, e traz uma abordagem qualitativa, a partir das informações extraídas na vasta documentação encontrada, bem como através de entrevistas semiestruturadas. Este estudo apresenta conceitos fundamentados no historiador clássico Le Goff (1990), que enfatiza que os documentos são na verdade uma construção, ou seja, não existe um documento verdade; em Pollak (1992), que trata das questões de identidade social, e utilizando a história oral, conforme também “bebemos” deste paradigma. De Barros (2009), nos apropriamos do que o autor discute acerca da importância da memória e das lembranças, bem como das fontes.

PALAVRAS-CHAVE: História; Memória; ensino; religião; sertão.

ABSTRACT

The a priori participation in the Extension Project “Maculating Mnemosine's Veils: organization, cataloging and description of the ecclesiastical records of the Parish of Nossa Senhora da Conceição – Água Branca/AL”, coordinated by Profa. Ma. Sheyla Farias, awakened in me the interest in understanding the role played by Educandário Nossa Senhora do Rosário in the municipality of Água Branca. Thus, the objective of this research is to analyze the process of insertion of the Educandário students in the city of Água Branca-AL in social and religious life. We also examined how the conduct of the students, present in the documentation, was closely linked to their social conditions and investigating the social relations between the students and how they are currently in society, based on the interviews. This research is exploratory and descriptive, and brings a qualitative approach, based on information extracted from the vast documentation found, as well as through semi-structured interviews. This study presents concepts based on the classical historian Le Goff (1990), who emphasizes that documents are actually a construction, that is, there is no true document; in Pollak (1992), who deals with questions of social identity, and using oral history, as we also “drink” from this paradigm. Of Barros (2009), appropriated what the author discusses about the importance of memory and recollections, as well as sources.

KEYWORDS: History; Memory; teaching; religion; hinterland.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
3	MATERIAL E MÉTODO.....	15
4	RESULTADOS.....	17
5	DISCUSSÃO.....	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	23
	APÊNDICES.....	25
	ANEXOS.....	44

1. INTRODUÇÃO

A partir do contato *a priori* com o Projeto de Extensão “Maculando os véus de Mnemósine: organização, catalogação e descrição dos registros eclesiais da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição – Água Branca/AL”, coordenado pela Profa. Me. Sheyla Farias, tendo em vista o manuseio com tal documentação, deparei-me com arquivos pertencentes ao Educandário do município de Água Branca-AL.

Desse modo, nutri interesse em discutir a dinâmica social daquele local e investigar os sujeitos que ali estudaram e do qual fizeram parte. Ao longo das discussões durante a heurística, problematizando e dando “voz” aos personagens, observamos estudantes egressas e ex- colaboradoras da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor-FEBEM,¹ ainda com meninas de rua, provenientes de municípios vizinhos e comunidades carentes.

Através dessa motivação, despertando o interesse em discutir a dinâmica social daquele local e, assim, investigar os sujeitos que ali estudaram e fizeram parte, ao longo das discussões durante a heurística, percebemos que a relevância científica e social está justamente no ato de problematizar e dar “voz” aos personagens, as estudantes egressas e as colaboradoras empregadas da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor – FEBEM. Importante destacar que todas as estudantes internas residiam no município de Água Branca, *locus* desta pesquisa, sendo uma contribuição para a memória local.

Ao se tratar de história e memória, temática que nos auxilia a compreender o objeto, podemos destacar algumas abordagens que a Historiografia vem discutindo. Através de Barros (2009), algumas questões são ressaltadas, a maneira como a memória é utilizada, conforme o autor destaca quanto à abordagem de nomes como Maurice Halbwachs, durante o início do século XX, e a forma de explorar e denominar “história” e “memória”, que podem ser inúmeros e distintos entre si.

Michael Pollak (1989), por sua vez, desenvolve uma tese que utiliza a memória como fonte histórica, através da obra *Memória, esquecimento, silêncio*. Barros (2009) destaca aspectos como a perspectiva da memória como “esclarecida pela historiografia” e a historiografia, por sua vez, como suscetível a “reanimar uma memória declinante”.

1 A Febem era uma instância estadual da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - FUNABEM, que foi criada no primeiro ano da Ditadura Civil-Militar, quando o então Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco promulgava a lei que estabelecia a Política Nacional do Bem-Estar do Menor – PNBEM, fazendo parte dessa política o sistema FUNABEM/FEBEM. MIRANDA, Humberto Silva. A FEBEM, o código de menores e a “Pedagogia do trabalho” (Pernambuco, 1964-1985). **Projeto História**, São Paulo, n.55, pp.45-77, jan.-abr. p. 48. 2016.

Nesse sentido, utilizamos a História Cultural como “chão” teórico para este estudo. É relevante destacar que, quando se trata de memória, entendemos que ela está situada no cotidiano dos indivíduos. A história e a memória “são representações narrativas que se propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência de tempo” (PESAVENTO, 2005, p. 94). Dessa forma, a pesquisa se propõe justamente a analisar e averiguar as memórias das estudantes do Orfanato da cidade de Água Branca.

O aspecto caridoso da instituição chama a atenção para ser discutido, e, para além desta característica, vale ressaltar que, durante a estadia no orfanato, as estudantes participavam de vários cursos, e, atingindo determinada maturidade, até disponibilizavam cursos de corte e costura, bordado, culinária e datilografia. As estudantes ainda realizavam a preparação das crianças para a Primeira Eucaristia, estudavam e apenas se retiravam da instituição no caso de seguir a “vida” religiosa ou quando se estabilizavam na vida social.

Aplicamos como procedimento metodológico a pesquisa documental e utilizamos ainda entrevistas semiestruturadas, analisando as falas das estudantes internas, como uma pesquisa qualitativa seguida da análise bibliográfica, através dos conceitos de autores dentro do campo das discussões de História e Memória.

Manuseamos a documentação disponibilizada ao Projeto de Extensão supracitado, e que está localizada na Secretaria da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Água Branca-AL, tratando-se de pastas que contêm documentos diversos, como ofícios recebidos e expedidos e autorizações de registro da Escola Paroquial Orfanato Nossa Senhora do Rosário, com os recortes temporais entre 1965 a 1975, e demais arquivos, que abordaremos ao longo da pesquisa.

De acordo com Silva e Almeida (2009, p. 36), uma pesquisa documental trata-se de um rico acervo e acesso que permite “acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social”. Assim, nos permite a problematização e conhecimento dos comportamentos e práticas de uma determinada sociedade dentro de um recorte temporal, reconhecendo na fonte informações factuais na documentação a partir de questões do interesse/inquietação do pesquisador.

Durante o manuseio do acervo documental, encontramos nomes das alunas internas do Orfanato. Ao longo da fundamentação da pesquisa, averiguamos, a partir dos nomes, a disponibilidade que elas tinham de contribuir com suas “memórias” para este estudo, sendo o critério de escolha para a pesquisa o fato de estar dentro do recorte temporal escolhido (1965-1975). Após a seleção das entrevistadas, e abordagem de antemão, explicitamos a intenção da

referida pesquisa e elaboramos uma seleção de questões de acordo com os objetivos do estudo em questão.

De acordo com Miranda (2016) a Febem fez parte da história da assistência à infância e juventude brasileira. O público eram meninos e meninas abandonados, *empobrecidos(as)*², conforme o autor destaca. Através da variedade geracional, ou seja, a diversidade de moças estudantes quando ao seu recorte de idade, utilizamos a entrevista qualitativa, gravada com o consentimento expresso das entrevistadas.

De acordo com Minayo (2002), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, se preocupando, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados.

Para responder a esta questão, uma corrente de estudiosos das áreas sociais como Durkheim (1975), tem se munido de dois argumentos metodológicos: a) é possível traçar uniformidades e encontrar regularidades no comportamento humano; e b) regularidades predizíveis existem em qualquer fenômeno humano cultural e podem ser estudadas sem levar em conta apenas motivações individuais.

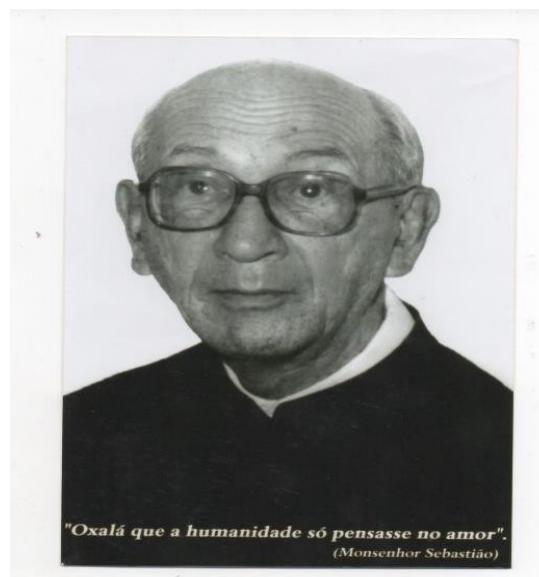
Entrevistamos cinco (05) mulheres e analisaremos as respostas obtidas nessas entrevistas. No diálogo com essas mulheres, houve questionamentos acerca de seu cotidiano no Orfanato, bem como das atividades no período em que estavam internas e principalmente sobre a maneira como chegaram até a instituição. Utilizamos, para análise da história oral, a obra *Usos e abusos da História Oral* (1996), na qual delimitam-se as diversas possibilidades de aplicabilidade de tal método, investigando reflexões acerca das relações entre história, memória e estilos de pesquisa em história oral.

Através deste estudo, analisamos o processo de inserção das alunas do Educandário do município de Água Branca-AL, tanto em relação à vida social como aos aspectos religiosos, e investigamos, através de uma comparação, como estão atualmente inseridas na sociedade de Água Branca-AL, tendo em vista que tal característica é justamente a contribuição dentro da relevância deste estudo, pois, dentro desta temática, encontramos apenas o trabalho de graduação de Viana (2017), direcionado para a Instituição enquanto projeto social.

2 Nesse sentido, cabe a reflexão de que surge um código emerge das demandas de uma sociedade disciplinar que buscara classificar crianças e adolescentes como “menor abandonado”, “menor carente”, “menor delinquente”, aos olhos da Justiça e daqueles que promoveram as políticas públicas. Vianna ainda destaca em seu trabalho, o caráter policialesco do Código, uma vez que ele buscou “vigiar e punir”, controlando o cotidiano de meninos e meninas e de suas famílias. MIRANDA, Humberto Silva. Memórias da “Dona FEBEM”: a assistência a infância na Ditadura Militar (1964 – 1985). XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal-RN, p.12, 2003.

Embora o trabalho de Viana (2017) concentre-se nos aspectos da instituição e do Monsenhor Sebastião Alves Bezerra (Figura 01), e não necessariamente nas internas, esta pesquisa preenche tal lacuna, informando e evidenciando para além dos aspectos da sociedade daquele momento, mas também realizando uma interseccionalidade com as “realidades” entre as alunas, tendo em vista que as origens de cada uma das internas eram múltiplas. Elas vinham de cidades alagoanas como Viçosa, Inhapi, Mata Grande, Palmeira dos Índios, e até mesmo de Canindé de São Francisco-SE.

Figura 01: Monsenhor Sebastião Alves Bezerra



Fonte: Arquivo pessoal de **Maria Helena Rodrigues Lima**. S/D.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, nos ancoramos teoricamente em alguns autores e em alguns conceitos pertinentes, como em Le Goff (1990), abordando os conceitos de História e Memória, especificamente quando o autor discute sobre documento, tendo em vista a temática e a documentação desta pesquisa, que devem ser compreendidas de maneira ampla, em seus contextos, ou seja, no período que foram produzidas.

Michael Pollak (1992), quando trata das questões de memória e identidade social, e utilizando a história oral, destaca que a memória tanto pode ser individual, vinda do “íntimo” de cada um, quanto também coletiva. No caso de Barros (2009), este atenta para a importância da memória e das lembranças, temas que são norteadores nesta pesquisa, como História e Memória; o segundo conceito trata-se de uma atividade que, em conjunto, forja o ser social e, assim, a memória social. O autor ainda ressalta a relevância da memória, seja ela individual ou coletiva, para a utilização da História Oral, e conseqüentemente os “lugares de memória”:

A apropriação da memória não só como fonte, mas também como objeto de estudo para a historiografia, a exemplo do artigo de François Dosse sobre a “História Social da Memória” (1996), que nos mostra um dos lados dessa relação. Por outro lugar, na contramão dessas questões, devemos entender também a historiografia como um dos lugares da memória (BARROS, 2009, p. 37).

A partir da consciência de como lidamos com tais conceitos, e entendendo a historiografia supracitada, sendo este local de memória, problematizamos através de Barros (2009) outros conceitos, ou seja, como o autor evidencia a complexidade e discute questões como: “O que é memória? O que é história? Como se interpenetram Memória e História?” Corroborando com a historiografia, que é justamente um lugar de memória e que possui como artifício para o fomento da produção de conhecimento justamente a memória coletiva e individual.

3. MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa constitui-se de uma investigação com abordagem qualitativa que busca, a partir do olhar das estudantes do Educandário, como se dava a rotina e os estudos nesta instituição no município de Água Branca-AL, investigar a maneira como lidavam com a vida religiosa e social, bem como discutir e verificar as concepções e ações durante o ensino das jovens. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, sendo possível analisar conteúdos e respostas, constituindo assim o foco das nossas discussões.

A partir das informações coletadas em meio à documentação, sua leitura e assimilação, acessamos o passado, obviamente dentro das limitações das fontes, e estando a interpretação de acordo com o período histórico. No ato de lidar com uma documentação proveniente de um momento da história, deve-se ter em mente que esses documentos se encontram carregados de subjetividades e intenções, o que remete ao estudo das estruturas dos documentos, seus personagens, percebendo e evidenciando, de certa forma, a importância desta documentação para a análise histórica, como as mentalidades daquele período e de como se pensava na sociedade da época do recorte temporal em questão.

A documentação escolhida, que já se encontrava em manuseio, catalogação e higienização devida, pelos membros do Projeto de Extensão tutelado pela Professora Sheyla Farias, constitui-se de documentos recebidos e expedidos no Orfanato Nossa Senhora do Rosário, bem como autorização do registro de entidade da Escola Paroquial Orfanato Nossa Senhora do Rosário.

Quanto à documentação, encontramos, em meio às tantas pastas selecionadas, a Autorização do Registro desta Entidade, Escolas Paroquiais: Orfanato Nossa Senhora do Rosário³ (12/02/1970), documentos recebidos e expedidos (1956-1966) que, através do manuseio e catalogação, percebeu-se que houve uma oferta realizada pela Instituição do curso de datilografia “Dom Vital de Água Branca-AL”, ministrado pelas internas do orfanato. O curso consistia no ensino de datilografia em turmas de 13 a 21 alunos (homens e mulheres). Falaremos, mais adiante, de uma das ministrantes e internas, a senhora Maria do Socorro.

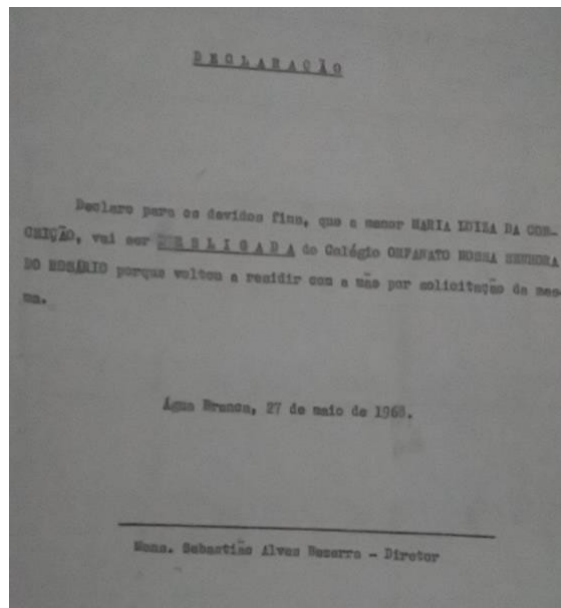
Quanto ao curso supracitado, podemos considerar ainda que foram disponibilizadas informações como a duração de três meses, com início em 03 de agosto de 1970 e término em 20 de novembro de 1970, foram registradas 78 (setenta e oito) aulas, com carga horária de 16

3 Fundação Nacional do Bem Estar do Menor em Alagoas-FNBEM.

(dezesseis) horas semanais e 5 (cinco) semanais, sendo o orçamento naquele momento de Cr\$ 800,00 (oitocentos cruzeiros).

A contabilidade e demais informações, em meio aos arquivos, eram todas detalhadas de maneira datilografada, o que permite aos pesquisadores o acesso à fonte, trazendo o conhecimento para reflexão. A análise dos documentos possibilitou compreender algumas características da sociedade entre 1965-75. Entre o numeroso acervo documental, tivemos acesso a declarações do *Colégio Orfanato Nossa Senhora do Rosário*, conforme a figura abaixo, e outros como, por exemplo, Ata de Assembleia Geral da Sociedade e obras sociais da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do ano de 1964 e relatórios, notas e documentos informativos acerca do Colégio Orfanato.

Figura 02: Declaração encontrada nos Arquivos Expedidos (1968)



Fonte: Arquivo do Orfanato Nossa senhora do Rosário (2019)

4. RESULTADOS

A partir dos documentos analisados e das entrevistas, concedidas por cinco (05) senhoras que atualmente residem no município de Água Branca-AL (Quadro 01), buscamos conhecer e analisar a trajetória de cada uma após o período de estadia no Orfanato, enquanto internas ou funcionárias da instituição. Nesse sentido, direcionamos questões e as pontuamos ao longo das entrevistas, estabelecendo uma ponte com as discussões teóricas acerca da história e da memória.

Quadro 01: Composição das ex-alunas e funcionárias entrevistadas

NOME	CATEGORIA	TEMPO DE ESTADIA/TRABALHO
MARIA HELENA RODRIGUES LIMA	FUNCIONÁRIA	QUARENTA ANOS
MARIA DA PENHA SANDES	FUNCIONÁRIA	MAIS DE TRINTA ANOS
MARIA DE FÁTIMA SANDES DE LIMA	INTERNA	1964-1974
SEVERINA MARLENE FEITOSA	FUNCIONÁRIA	1963-1982
MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS	INTERNA	1977-1984
Fonte: Elaborado pelo autor (SILVA, 2021).		

Conforme observamos no quadro, as sujeitas entrevistadas apresentam uma distinção em seus perfis, é sabido que 3 (três) delas desempenhavam atividade remunerada, e 2 (duas) foram internas da Instituição. Sendo assim, a entrevista qualitativa aprimora e evidencia características que podem “fugir” ao “toque” do pesquisador em questão.

Ao longo das entrevistas, questionamos as sujeitas a respeito de seu cotidiano e conhecimento acerca da instituição Orfanato Nossa Senhora do Rosário⁴, e com relação ao trabalho na instituição. Optamos por relatar algumas das informações trazidas pela senhora Dona Helena, tendo em vista que a mesma inicia o auxílio na direção do educandário em 1952, convidada pelo Monsenhor Sebastião, permanecendo em atuação por 40 (quarenta) anos, e afastando-se em 1992, por motivos de saúde. Segundo ela, após sua saída os trabalhos e o acolhimento na instituição findam.

⁴ A criação da Instituição se dá em 1950.

Figura 03: Dona Maria da Penha e Dona Maria Helena.
Recebimento de Homenagem da Câmara Municipal de Água Branca-AL (2019)



Fonte: Arquivo pessoal de Maria da Penha e Maria Helena

O relato da senhora **Dona Helena**, bem conhecida pela população da cidade de Água Branca-AL, é uma das “peças” fundamentais quanto à organização durante o período em que o educandário, como chama, estava ativo e acolhendo as meninas que ali estavam e participando efetivamente durante os 40 (quarenta) anos em que esteve lá. Fundamentamos esta pesquisa com base nas informações provenientes da entrevista com **Dona Maria da Penha**, que relata que, entre suas funções, prestava serviços na cozinha, elaborava certidões, trabalhava na farmácia da instituição e ainda confeccionava hóstias.

Ambas funcionárias do Orfanato Nossa Senhora do Rosário, apresentavam uma escolaridade mínima para estar trabalhando, gerenciavam o local em atividades mistas. Entretanto, Dona Helena estava mais ligada ao contato com o Monsenhor Sebastião Alves Bezerra, diretor da instituição e pároco responsável. Além deste aspecto, é possível observar outras características, como o recebimento de doações provenientes dos Estados Unidos, sendo financiados caminhões de farinha de trigo para a fabricação de pão.

5. DISCUSSÃO

A presença dos arquivos durante a história da humanidade ocorre desde que o ser humano passa a se fixar numa localidade. O uso das documentações era utilizado como um dispositivo legal para colocar em prática as atividades. De acordo com Lodolini (1989, p. 34), o ato de investigar ou catalogar as ações cotidianas surge da obrigação de se preservar as informações que *a posteriori* deveriam ser do conhecimento de toda a comunidade.

Conforme Pierre Nora (1993), os lugares de memória, enquanto centros de documentação, manifestam-se no meio social a partir da incapacidade do ser humano em resguardar na íntegra as suas experiências. Dessa maneira, a partir da coleta de informações no Orfanato Nossa Senhora do Rosário, pudemos acessar um vasto conhecimento acerca do processo de inserção das alunas do educandário, captando informações do âmbito pessoal e do cotidiano durante o período de estadia na instituição.

Através da documentação analisada e das entrevistas, evidenciamos a riqueza de conhecimento em torno da temática. Contudo, o trabalho de descrição mostra-se fundamental na medida em que dá suporte para a localização de informações que se constituem em fontes para a realização de pesquisas que visam à construção de uma narrativa.

O arquivo eclesiástico, além de possuir condições materiais de sobrevivência da documentação, ainda alimenta e forja a história, evitando o esquecimento de ações passadas, viabilizando sentidos ao presente, constituindo práticas que nos permitem enxergar a diferença e a semelhança com o ontem.

O arcabouço documental está organizado em caixas na Secretaria da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Através do projeto supracitado, os documentos foram sistematizados de acordo com o ano (década) e em subgrupos com base no tipo de documentação, por exemplo, relatórios, ofícios, solicitações, etc. Os grupos trabalhados são constituídos por documentos históricos, por cumprir as motivações pelas quais foram produzidos.

Para a sustentação deste estudo, utilizamos uma relação de fontes documentais, desde as declarações entre convênios de obras sociais a arquivos especificando a rotina escolar de datilografia das internas. Os relatórios encontrados geralmente eram curtos e informavam desde o aproveitamento escolar até a situação dos cursos e estado de ânimo das meninas.

Por meio dos relatórios de convênios já destacados aqui, verificamos o funcionamento da escola de datilografia, com cerca de 20 (vinte) alunas e financiados pela Legião Brasileira

de Assistência-LBA. Além de um ensino técnico, o alunado recebia ainda aulas de formação, referindo-se aqui a aulas de costura e bordado.

Durante a sistematização das informações, constatamos ainda a existência da Escola de Adultos em Pariconha (1970). Naquele momento, tratava-se de um povoado do município de Água Branca, evidenciando o quanto o mergulho nas fontes permite o conhecimento de parte de um determinado contexto social.

De modo que, cruzando os dados coletados e produzidos entre história oral e documentação, percebemos o quanto a manutenção do bem estar das internas era constante, seja pelas funcionárias ou pelo Diretor da instituição, no caso, o Monsenhor Sebastião Alves Bezerra. A entrevistada Maria de Fátima Portuguesa evidencia como recebeu cuidados e uma atenção contínua, no sentido de, mesmo após a saída da instituição aos 16 (dezesesseis) anos, quando casou, receber orientação do Monsenhor para finalizar seus estudos.

Sublinhamos ainda os estatutos da sociedade obras sociais da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 24 de setembro de 1954. De acordo com a documentação analisada, tal estatuto foi criado sob as diretrizes da Igreja e com o objetivo de promover o ensino primário e profissional de maneira gratuita, realizando programa de assistência social a crianças e àqueles com a velhice desamparada, tendo como diretor o pároco da cidade.

A partir da aproximação da história com novas ciências como a Antropologia e a Sociologia, objetos e metodologias novas exigiram a utilização de fontes “não-oficiais”, como a fonte oral, fio condutor desta investigação. Em relação à utilização do arquivo, compartilhamos ainda das discussões do filósofo francês Paul Ricouer, pensando o arquivo como um lugar físico e social.

As reflexões de Ricouer (2007) em *A memória, a história e o esquecimento* ponderaram a importância da dicotomia entre memória coletiva e individual e as suas relações com a história. Tendo em vista que lidamos, neste estudo, com fontes que estão no arquivo, tais conexões são essenciais para a fundamentação das discussões aqui fomentadas.

Assim, o que chamamos de memória é preservada, corroborando o entendimento de “memória arquivada”, possibilitando ao historiador o exercício epistemológico da história, através do método subjetivo e questões levantadas na atualidade da pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste estudo, explicar a relevância do Educandário Nossa Senhora do Rosario em Água Branca-AL, bem como o reflexo da instituição na vida das internas. O objetivo central desta pesquisa foi analisar o processo de inserção das alunas na cidade de Água Branca.

Através da investigação, buscamos a respeito do tema memória, tendo como base a documentação armazenada na secretaria da Paróquia Nossa Senhora da Conceição e as vivências de algumas internas, demonstrando a importância do cruzamento das fontes e o olhar atento do historiador.

Por meio deste trabalho, verificamos o quanto, através do Educandário, as internas puderam ser acolhidas, seguir com o padrão educacional daquele recorte histórico. Tendo em vista que analisamos entre 1965-1975, durante as entrevistas em anexo, fica evidente o papel norteador da instituição e da figura do Monsenhor Sebastião Alves Bezerra.

Percebemos ainda, através do estudo daquela sociedade, como era vista a “questão do menor”. Através da análise das entrevistas e do aporte documental, observamos que a temática passa a ser discutida a partir do viés do “bem-estar”, um discurso que foi reproduzido na política econômica a partir da década de 1950, intensificando-se durante os governos militares.

De acordo com os dados levantados e com a análise realizada, constatamos, de um modo geral, o quanto o educandário subsidiou oportunidade, não apenas transmitindo valores sociais, mas a formação e o incentivo a se buscar continuar os estudos, a importância da responsabilidade e o trabalho.

Dessa maneira, considerando a importância das memórias, o papel do historiador está justamente na aproximação com os rastros e/ou traços provenientes do passado. Através das fontes e da história oral, nosso trabalho se dá em assimilar, a partir da história-memória, os sujeitos e os acontecimentos.

Nesse sentido, destacamos a relevância dos projetos de extensão coordenados pela Professora Sheyla Farias, estabelecendo o contato dos discentes com uma documentação ampla e multifacetada. Faz-se necessário construir um laço entre universidade e a comunidade, firmando reflexões acerca da memória, da constituição social e da prática enquanto historiadores.

Após a análise dos dados das entrevistas, confirmamos que as internas e funcionárias possuíam um relacionamento de laços estreitos com o Monsenhor Sebastião, todos e todas os que estavam na instituição durante o período de funcionamento. Com isso, se faz necessário repensar a história e a memória, pensando nas dificuldades enfrentadas na formação universitária, lidando com fontes não-oficiais, a complexidade da história oral e as novas ciências que cada vez mais subsidiam o fazer historiográfico.

Concluindo, entendemos que o exercício do historiador está na sua relação com as fontes; neste caso, o arquivo e as entrevistas, evidenciando o primeiro como lugar físico e social, e as entrevistas como instrumentos que nos proporcionaram a reflexão da memória acerca do passado individual, de como analisar cada uma das falas evidencia a complexidade do recordar.

Esta investigação ainda possui muitas limitações. Entretanto, para um trabalho de conclusão de curso, permanece a contribuição para outras pesquisas, referindo-se aos discentes que se enveredem por caminhos parecidos através do contato com os arquivos. Esperamos que as reflexões tecidas aqui contribuam para provocar, ampliar e redimensionar debates sobre história e memória.

REFERÊNCIAS

a) FONTES ESCRITAS:

- Acervo do Educandário Nossa Senhora do Rosário – Arquivado na Secretaria da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição – Documentos sem catalogação.

b) FONTES ORAIS:

- Entrevista com Dona Helena Rodrigues Lima, concedida em 14 de novembro de 2019, para o Trabalho de Conclusão de Curso.

- Entrevista com Dona Maria De Fátima Sandes de Oliveira, concedida em 07 de janeiro de 2020, para o Trabalho de Conclusão de Curso.

- Entrevista com Dona Severina Marlene Feitosa, concedida em 13 de agosto de 2020, para o Trabalho de Conclusão de Curso.

- Entrevista com Dona Maria Da Penha Sandes, concedida em 23 de novembro de 2020, para o Trabalho de Conclusão de Curso.

- Entrevista com Dona Maria Do Socorro Dos Santos, concedida em 19 de março de 2021, para o Trabalho de Conclusão de Curso.

c) BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, C. D. de. SILVA, J. R. S. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I. Julho de 2009.

BARROS, J. D'A. História e memória – Uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, vol. 3, n. 5, Jan-Jul/2009. p. 35-67.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, 6, 2003. p. 9-25.

DURKHEIM, É. **Sociologia e Ciências Sociais**. Trad. Inês D. Ferreira. São Paulo: DIFEL, 1975.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRANDA, Humberto Silva. A FEBEM, o Código de Menores e a “Pedagogia do trabalho” (Pernambuco, 1964-1985). **Projeto História**, São Paulo, n. 55, Jan.-Abr. 2016. p.45-77.

MIRANDA, Humberto Silva. Memórias da “Dona FEBEM”: a assistência a infância na Ditadura Militar (1964 – 1985). **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal-RN, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, 1993. p. 7-28.

PEREIRA, M J. da C. O arquivo público enquanto lugar de memória. **Em tempos de Histórias** – Publicação de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UNB, n. 10, Brasília, 2006.
PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5, n.10, 1992.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

VIANA, A. P. da S. **Projeto Social: Educandário Nossa Senhora do Rosário: Água Branca-AL (1957-1994)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História. Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão. 2017.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM HELENA RODRIGUES LIMA

Maria Lúcia: Boa tarde, Dona Helena! É eu sou Maria Lúcia, sou aluna do oitavo período do curso de história, da Universidade Federal de Alagoas. É e vim aqui pra saber se a senhora concede uma entrevista?

Dona Helena: Eu, Helena Rodrigues Lima, cheguei no educandário, em 1951 (vozes ao fundo) não em 1952 (vozes ao fundo) desculpe, que eu erre! Em 1952, que Monsenhor me convidou para ajudar na direção do educandário, que continua na própria casa das religiosas, visando a educação das crianças (voz ao fundo). O educandário (voz ao fundo) foi inaugurado em 1950, (corrige a data) em 1957, qual fizemos a mudança das religiosas (vozes ao fundo) com as crianças para o educandário (vozes ao fundo), lá fiquei durante 40 anos (vozes ao fundo) tendo que me afastar em 1992, por motivo de acidente (entrevistada fala com voz bem baixinha). E com minha saída terminou o educandário (vozes ao fundo) (entrevistada fica falando baixinho tentando lembrar mais coisas).

Maria Lúcia: Dona Helena, qual foi as melhores lembranças que a senhora tem do educandário? Quando a senhora viveu lá no educandário, durante os seus 40 anos. Quais são as melhores lembranças?

Dona Helena: As minhas melhores lembranças era quando as crianças, que eu peguei, muitas crianças abandonadas, de rua. Que tinha uma casa em Maceió que juntava as crianças pobres de rua para mandar para o educandário, (vozes ao fundo) e a minha, a minha melhor lembrança quando elas saíam para ser religiosas, para a vida religiosa e também quando elas faziam um bom casamento (vozes ao fundo) e também no dia da formatura (vozes ao fundo) das moças no educandário (vozes ao fundo) são essas as minhas melhores lembranças.

Maria Lúcia: Dona Helena, o que a senhora fazia no educandário?

Dona Helena: Ensinava corte e costura, fazia enxoval de noiva para casamento, porque nos tinha uma farmácia em benefício do educandário, e lá eu butava roupas para vender, vestido de noiva, flores (entrevistada fica em silêncio lembrando/ sons de pássaros no fundo), fazia roupas para as crianças que iam fazer a primeira eucaristia (vozes ao fundo), visitava as pessoas pobres e mandava, levar cestas básicas para os pobres, (vozes ao fundo). Então eu dizia que estava muito cansada, que fazia caridade a umas pessoas e faltava com outras, ai ele me dizia: “Se você ver a pobreza!”, as pessoas cozinhando lá em três tampinhas de barros! Ai eu fazia a cesta básica e ia levar para os pobres. Nos recebemos (vozes ao fundo). Dos Estados Unidos uma americana que se chamava-se Joyce de Mille, e dos Estados Unidos a gente recebia caminhões de farinha de trigo (vozes ao fundo) e eu (entrevistada fica com voz embolada) eu com as meninas fazia fazia os o pão (vozes ao fundo) que a gente usava no dia-a-dia. As meninas né, do educandário as que não se comportavam bem, perdiam o passeio, que no fim da semana a gente fa, a gente tinha lazer ia para piscina, ia para piscina e as que não fizessem os trabalhos certinhos durante a semana perdia o passeio da piscina, do banho banho. (vozes ao fundo) tinha tempo que nós tinha 160 meninas, a maioria de ruas. As que moravam aqui no município (vozes ao fundo) ia estudar no educandário, por que naquela época não tinha estrada, elas não podiam vim de casa, do Pariconha, Alto dos Côelhos, Tingui e todos esses povos estudavam, vieram vinham estudar no educandário. Em 1984, Monsenhor adoeceu com um câncer na próstata, lá fui eu, estava com 4 meses de operada e fui em Maceió, eu e o motorista, com o Monsenhor. Lá ele disse: “Vamos ao médico da alma”. Ai

fomos para os Capuchinhos, lá ele se confessou, depois da confissão ele se internou no no, na Santa Casa de Misericórdia. Ai ele ficou, depois de uns tempo teve que ir para o UTI, e eu fiquei na sala de espera, então o médico disse: “Você está sendo martirizada, vá dormi e me dê seu telefone que qualquer coisa, se ele falecer eu telefono para você”. Ai eu fui dormi, e de madrugada recebi o telefonema que ele tinha falecido. Ai telefonei para o educandário avisando, que Monsenhor tinha falecido. (vozes ao fundo). Telefonei também para o padre Rosevaldo que ele fosse para mim ajudar, que eu tive que ir na casa das religiosas para pegar um um um roqueto, para o o pegar um um roqueto, para o o (barulho de moto). Fomos na casa da religiosa pegar um paramento, para para o veste, para: “Oh! Meu Deus, não sei o que eu digo!” (Dona Helena resmunga sem saber o que fala). Telefonei para o educandário, depois para o padre Rosevaldo que ele fosse para mim ajudar. Então truxemos truxemos Monsenhor do Sebastião (vozes ao fundo) que ficou num, que ficou na igreja, na matriz o velório e terminou (vozes ao fundo). Depois que ele faleceu eu fiquei responsável pela direção do educandário (vozes ao fundo), então em 1992 tive que me afastar, por motivo de acidente. Em 1992, eu tive que me afastar do educandário, comigo (vozes ao fundo) eu e Helena, Maria da Penha eram as pessoas que mais o Monsenhor confiavam e também no educandário, houve vários cursos (som de moto ao fundo) e as pessoas vinham ensinar, a médium siríaco (barulho moto) Marlene... Neuza Feitosa (vozes ao fundo) Neuza era tesoureira e Marlene era secretária.

Entrevista ocorrida em 14 de novembro de 2019.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DE HELENA RODRIGUES LIMA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestam a sua vontade à participação na pesquisa"
(Resolução CNS, 468/12)

Eu, Helena Rodrigues Lima, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo "História e Memória dos Estudantes do Educandário, Rezar, comer e costurar: O Ensino de jovens no Educandário", sob a orientação da Sra. Graduada Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva, do Curso de Licenciatura em História, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclarecemos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa são de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes:
 - a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos;
 - b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Água Branca - AL, 14/11/2019

Helena Rodrigues Lima
Assinatura de impressão (cópia fotográfica de(a) voluntário(a) entrevistado)

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM SEVERINA MARLENE FEITOSA

Maria Lúcia: Bom dia Dona Marlene.

Severina: Bom dia.

Maria Lúcia: Meu nome é Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva. Sou aluna concluinte do 8º período da UFAL, e vim te perguntar se a senhora me concede uma entrevista para conclusão do MEU TCC.

Severina: Sim, meu nome é Severina Marlene Feitosa e lhe concedo. (a senhora Marlene gagueja ao responder) eu lhe dou permissão para você fazer entrevista.

Maria Lúcia: Então, eu gostaria de saber se a senhora pode falar um pouco sobre a Fundação do Educandário. Como, como surgiu a fundação? O que a senhora tem para falar sobre a fundação do educandário durante o período que...

Severina: Sim, o Educandário teve início no dia, ele foi fundado no dia 1º de novembro de 1894. Pelo Cônego Cícero Joaquim de Siqueira Torres, nesse dia mesmo, ele também fundou uma congregação de leigas chamava Irmandade leigas do de São Francisco. Isso irmãs... Irmãs leigas de do São Francisco.

Severina: Então é o Educandário começou com essas irmãs, a gente chamava era era de Santa Rosa, Santa Rita. E elas morava numa casa muito pequena, assim, não tinha conforto nenhum. Elas acolhiam moças que vinham dos sítios para estudar aprender alguma coisa com elas.

Severina: E elas só melhoraram quando o Monsenhor Sebastião chegou aqui na cidade, ele construiu uma nova casa paroquial aí cedeu a casa que era a casa paroquial para as irmãs, morarem lá né, as irmãs que tomava conta que chamava de orfanato.

Severina: E depois ele construiu um prédio próprio, foi 1957 a inauguração. E ele assim, mudaram para lá. Foi aí que começou a funcionar o orfanato Nossa Senhora do Rosário.

Severina: A primeira diretora do orfanato foi Iracema dos Santos, auxiliada por Helena Rodrigues Lima que foi nomeada como professora de bordado. Que recebia o orfanato, recebia crianças, jovens.

Severina: Com o passar dos tempos o Monsenhor fez convênio com algumas Fundações estaduais e recebia crianças. Vinham muitas de Maceió, enviadas pela FUNABEM, fundadora era Fundação Nacional do bem-estar do menor e através dessa Fundação ele recebia verba para manter o orfanato.

Severina: E em 1968, ele mudou o nome de orfanato para Educandário. Ele disse que era muito humilhante o nome orfanato e mudou para Educandário Nossa Senhora do Rosário. Essas crianças que vinham de fora não só as de fora, mas daqui também do município, eram recebidas no Educandário. O prédio era muito grande elas aprendiam artes lá no Educandário e estudavam letras no ginásio ou nos, nos grupos escolares aqui da cidade.

Severina: Éeee muitas dessas crianças hoje agradecem. Pelo tempo que viveram no Educandário, que foi graças ao Educandário que elas puderam estudar. Naquele tempo num ninguém podia assim estudar, não tinha transporte. E aí elas ficavam internas, tinha mais gente de fora do que aqui do município.

Fernando: Éeee! A senhora, agora eu queria saber se a senhora, depois pode falar um pouco disso é falar mais um pouquinho da repercussão, né? Como é que a senhora ver, que a senhora acabou de falar que muita gente hoje agradece, né? Porque é o único meio de estudar era esse. Éee as senhora tem noção das pessoas daqui pelo menos que hoje tem educação. Graças a a o educandário. Pode citar alguns nomes.

Severina: Eu conheço! Tem Fátima, que chamava Fátima portuguesa. Fátima de bebê, tem Socorro que é casada com o Osmar, que ela também viveu no educandário. Maria Áurea filha de banda Sirila, ela também viveu no Educandário e muitas meninas de fora e de daqui de fora do do município, Isaura, Sinésia. Muitas meninas que hoje são professoras são, e ou tem outras profissão que graças ao Educandário elas conseguiram estudar.

Fernando: É iai pegando o gancho disso que a senhora falou né, que a figura do Monsenhor Sebastião foi que deu mais ênfase. Assim, eu queria que a senhora pudesse compartilhar um pouco da representação dele. Como significou essa ação dele para Educandário, mas também pro município né? A senhora assim uma pessoa que lê muito que (a senhora Marlene interrompe a fala do participante).

Severina: É ele ele ele ele pensava muito na educação. Se não fosse o Monsenhor Sebastião. Eu acho que muita gente aqui que conseguiu se se formar, não teria se formado. Por que a criação do do ginásio que foi celetista foi graças ao Monsenhor, né? E lá no Educandário ele oferecia cursos também, corte e costura, bordado.

Severina: Eu mesma ainda participei e ensinei artes, né? Bordado e também eu dava aulas lá, para preparação para o exame de admissão. Que naquele tempo só entrada no ginásio, né? Antes fazia o exame né no pré pra poder entrar no no ginásio.

Severina: Ele também fundou escola de datilografia, né? Graças a ele muita gente aprendeu datilografia. E ele fazia o melhor possível para manter, pra dar conforto aquelas meninas que moravam no Educandário.

Maria Lúcia: Tem a farmácia também né, né, a farmácia aqui!

Severina: Sim, tinha uma farmácia eu trabalhei na farmácia, trabalhei o tempo todo na farmácia que pertencia também essas obras sociais. Ele criou as obras sociais e o Educandário fazia parte dessas obras sociais, como também essa farmácia. Que ajudava na manutenção lá do educandário.

Fernando: E assim para finalizar né? É, que a fala da senhora muito rica. Em relação à hoje, né assim, qual a senhora enquanto pessoa como cidadã. É como à senhora pensa que deveria ou ser o revitalizado? Ou como né, deveria estar o Educandário em si né! Se a senhora quiser opinar, entendi?!

Severina: É, aí sim ainda hoje né? Resta ainda hoje, né? A lembrança do Monsenhor! O Educandário está sendo reformado, né? E tá sendo útil, né? Para o tem uma escola funcionando lá, uma escola particular e também as crianças que se preparam para catequese de primeira eucaristia e de crisma. (Passa um carro de som na rua fazendo propaganda). E presta muito serviço né? Também o prédio a outras pessoas, né?

Maria Lúcia: E para a comunidade né?

Fernando: Perfeito né? A senhora quer acrescentar alguma coisa? Em relação à Pesquisa. Em relação ao Educandário a figura do monsenhor fica à vontade. Se não quiser também a senhora...

Maria Lúcia: Quais são as memórias que a senhora tem? La do do Educandário além do que a senhora já falou...

Fernando: Só pra finalizar se a senhora quiser também.

Maria Lúcia: Há algo pra acrescentar. Se a senhora quiser! (Barulho na rua).

Severina: Eu não! Eu também, eu sou uma das que agradeço ao... ao Monsenhor. Porque, eu me formei graças, aos cursos que ele conseguiu aqui para o ginásio, né? E também trabalhei muito tempo com ele. Eu trabalhei como secretária na paróquia, eeee também tumava conta da farmácia.

Fernando: Pronto! A gente agradece ah, ah...

Maria Lúcia: Eu que agradeço!

Fernando: A riqueza de detalhes.

Severina: Eu agradeço dona Marlene, pela entrevista concedida pela a senhora. Disponibilizou esse tempinho da senhora. E eu fico muito grata pela entrevista que a senhora me concedeu. Obrigada!

Severina: Por nada! E as ordens... precisando!

Local da entrevista: casa da entrevistada

Pesquisadora: Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva

Participante: Fernando de Sá Oliveira Júnior

Entrevista ocorrida em 13 de agosto de 2020.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DE SEVERINA MARLENE FEITOSA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se previna contra consentimentos livres e esclarecidos dos participantes, incluindo os grupos que por si só ou por seus representantes legais manifestam a sua adesão à participação na pesquisa"
(Resolução CNS 466/12)

Eu, SEVERINA MARLENE FEITOSA, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo "História e Memória dos Estudantes do Educandário, Rerur, usar e costurar: O Ensino de jovens no Educandário", sob a orientação da Graduada Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva, do Curso de Licenciatura em História, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclarecemos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa são de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes:
 - a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos;
 - b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Água Branca - AL, 13/08/2020

Severina Marlene Feitosa
Assinatura ou impressão (diferenciador do(a) voluntário(a)/entrevistado)

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM MARIA DE FÁTIMA SANDES DE OLIVEIRA

Maria Lúcia: Bom dia dona Maria de Fátima, meu nome é Maria Lúcia Pereira do Santos Silva, sou aluna concluinte do 8º período, da UFAL - Campus Sertão, do curso de história e eu vim aqui mais uma vez pra saber da senhora, se a senhora concede essa entrevista pra conclusão do meu curso, como eu já tinha falado com a senhora antes, eu gostaria de saber se a senhora concede essa entrevista?

Maria Lúcia: Eu gostaria que a senhora falasse um pouco sobre a sua trajetória no educandário, é, como foi esse período, o período que a senhora passou no educandário, como foi a sua vivência, que a senhora resumisse um pouco de toda a sua trajetória que a senhora conviveu no educandário com o Monsenhor Sebastião, dona Helena, a dona Maria da Penha e outras pessoas que viveram no educandário, se a senhora teve alguma função, exerceu alguma função no educandário, como foi, a senhora fale um pouco de toda a sua trajetória como foi a sua vivência no educandário, se possível.

Fátima: Boa noite Lúcia, eu Maria de Fátima Sandes de Oliveira, vou falar um pouco da minha trajetória no orfanato Nossa Senhora do Rosário, que depois passou a chamar educandário, lá cheguei muito pequena, onde fui ensinada a ter responsabilidade e ter horário para tudo, levantar cedo para ir a missa, escola e fazer os trabalhos de casa, o qual toda semana cada uma era responsável por sua tarefa, seja na cozinha, refeitório, dormitório e outros, sempre orientada pelas diretoras, Dona Helena, Dona Maria da Penha, Dona Maria da Conceição e sempre nos ensinando como fazer direito, e o Monsenhor se preocupava com todas, com todas principalmente não faltar escola, ele não aceitava nenhuma vez que ninguém faltasse a escola, fosse datilografia, nos colégios que estudava fora de lá, sempre ele não aceitava, lá aprendi de tudo um pouco, estudei do primário ao fundamental, só sai de lá quando casei aos 16 anos, mesmo saindo de lá, Monsenhor se preocupou comigo para eu continuar meus estudos até me formar, sempre, sempre, sempre estava presente na minha vida, foi um grande pai, só tenho a agradecer a ele e as diretoras, Dona Helena, Maria da Penha, Maria da Conceição, que me educaram e me ensinaram tudo que sei hoje.

Entrevista ocorrida em 07 de janeiro de 2020.

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DE MARIA DE FÁTIMA SANDES DE OLIVEIRA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se pretenda após
consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si
ócio por uma representação legal manifestarem a sua adesão à participação na
pesquisa"
(Resolução CNS 466/12)

Eu, Maria de Fátima Sandes de Oliveira, tendo sido convidada a participar como voluntária(a) do estudo "História e Memória dos Estudantes do Educandário. Rezar, coser e costurar: O Ensino de jovens no Educandário", sob a orientação da Srta. Graduada Maria Lúcia Pereira das Santos Silva, do Curso de Licenciatura em História, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa são de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes:
 - a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos;
 - b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Água Branca - AL, 07/01/2020

Maria de Fátima Sandes de Oliveira
Assinatura ou impressão digitalizada de(a) voluntário(a)-entrevistado

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS

Maria Lúcia: Bom dia dona Socorro, meu nome é Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva, sou aluna do curso de história da UFAL Campus Sertão, vim aqui, como eu já tinha falado com a senhora antes, é gostaria de saber se a senhora me concede uma entrevista para a conclusão do meu curso.

Socorro: Boa tarde Maria Lúcia, sim eu estou a seu inteiro dispor.

Maria Lúcia: Então dona Socorro, como eu já havia falado com a senhora antes sobre essa entrevista pra conclusão do meu curso, eu gostaria que se fosse possível a senhora falasse um pouco da sua vivência, da sua trajetória, o que levou a senhora a viver no educandário esse tempo, quanto tempo a senhora passou, a senhora entrou com quantos anos, ficou lá durante quanto tempo, quais foram os frutos que a senhora colheu durante o tempo que vivenciou no educandário, também se teve algum ponto negativo, como foi o tempo, a sua vivência com Monsenhor Sebastião no educandário, de tudo que a senhora viveu lá, se a senhora puder resumir o tempo, essa trajetória toda que passou no educandário, se possível, eu agradeço.

Socorro: Então Lúcia, na minha cidade há anos atrás só estudava fundamental dois quem tinha dinheiro, no entanto existia uma casa a qual era denominada de Educandário Nossa Senhora do Rosário, onde o pároco da cidade mantinha com fim de abrigar jovens e crianças órfãs ou com pais pobres e até mesmo filhos de pais que não podiam cuidar dos seus filhos.

Socorro: Eu, filha de pais sem recursos, concluí a 4ª série primária e não dei continuidade, pois não podia comprar livros nem tão pouco pagar mensalidade na escola, né.

Socorro: Por conta disso passei o ano inteiro sem estudar e um belo dia fui comprar remédio para a minha mãe e o padre entrou, ele sempre muito curioso perguntou se eu estudava, eu respondi ‘não’, porém ele perguntou por que e ouvindo a minha resposta me convidou a morar no educandário e eu respondi que sim, isso foi em final de 1976.

Socorro: É, as obras da paróquia, né, eles tinham também uma farmácia e essa farmácia ajudava muito o educandário, ajudando na alimentação, principalmente quando essas ajudas demoravam a chegar.

Socorro: É, em 1977, no início do ano eu fui morar nessa casa, lá tínhamos duas diretoras que eram moças solteiras que dedicaram suas vidas a cuidar das crianças e adolescentes, nesse educandário eram elas Dona Helena e Maria da Penha, mas além delas o padre colocava mais algumas moças de meia idade responsável pra ajudar na administração da casa.

Socorro: Então, nesse ano, né, em que eu entrei, era, tinha mais ou menos 85 crianças e adolescentes, certo, é, pra manter essas crianças, o monsenhor, ele recebia ajuda de febem (...), dos órgãos da época, né, concedia bolsa de alimentação, só que essas bolsas de alimentação nem dava pra todo mundo, que se chegasse qualquer criança naquela época ele receberia, se chegasse um órfão ele não dizia que não, né, ele era um homem de coração muito grande, tá.

Socorro: Durante todo tempo que lá vivi sempre tinha mais de 80 crianças e adolescentes.

Socorro: Então, como eu falei, não houve ano nenhum que o educandário comportasse menos de 80 pessoas, era de 80 pra lá, certo.

Socorro: Eu lembro, teve um ano que tinha mais de 100, mais de 100, 115, 120, por aí, eu não sei exatamente, né, porque eu não cuidava de papelada pra saber com precisão, mesmo na época, naquela época eu não ia lembrar mais, né, é, lá eu vivi durante 7 anos e 5 meses, 7 anos estudando e 5 meses porque eu trabalhava na, na, com o curso de datilografia e fui repassar pra colega, né, que ia ficar no meu lugar, aí eu passei mais 5 meses com ela, orientando e ajudando, né, e também ganhando o meu dinheirinho que eu precisava, não trabalhava ainda e ele também me concedeu essa ajuda, né, pra poder eu comprar o leite dos meus irmãos, do meu irmão, né, que a gente na época, eu era como se fosse órfão, meu pai era doente e minha mão já tinha morrido.

Socorro: E muitas das internas só ia pra casa duas vezes no ano, né, que era no meio do ano, nas férias do meio do ano e do final do ano, então passava o São João, né, às vezes quando ficava em recuperação passava até natal, ano novo, aí vinha o choro, as tristezas, tá.

Socorro: O padre era um ser humano muito especial, ele nos ensinou a ser cristão, é, nos orientando a participar das missas, rezando o terço todos os dias e o ofício de Nossa Senhora aos sábados, dizia ele que toda moça deveria ter, ser prendada, daí pagava cursos de culinária, costura, crochê, tricô e também tinha a escola de datilografia como eu falei anteriormente e outros cursos também e fazíamos o que desse pra fazer.

Socorro: Nossa convivência era de irmãos, como até hoje, mesmo assim a gente já com uma idade bem avançadinha, né, mas até hoje nós ainda temos aquele mesmo vínculo de se encontrar e ser uma alegria danada, né, lá nós brincávamos, estudávamos, fazíamos curso, cuidávamos da casa, pois as tarefas domésticas eram dividida entre as mocinhas da casa, compartilhávamos até o choro entre nós, pois éramos carentes por estarmos distante dos nosso pais.

Socorro: Para mim, o educandário eu não tive pontos negativos, eu só tive pontos positivos, pois apesar de todo sofrimento por conta da ausência da minha família, das minhas responsabilidades ainda com pouca idade, né, foi lá onde eu consegui toda minha formação, as pessoas que ali administravam nos ensinaram tudo aquilo que uma moça deve aprender para seguir uma vida digna e o monsenhor Sebastião

Socorro: A minha rotina se estendeu de 1980 até 84, até o ano de 84.

Socorro: Em 1979 eu fiz o curso de datilografia e no ano seguinte eu comecei a ensinar até concluir o meu curso, que eu concluo em 1983, terminei o magistério e fiquei lá mais alguns dias, é até 1984, até mais ou menos entre maio a junho, esse curso se estendia ao pessoal da cidade, era uma escola de datilografia e tinha também a finalidade de ajudar as despesas do educandário.

Socorro: Em 1980 perdi minha mãe, levei comigo duas irmãs mais nova, uma apenas de 5 anos e outra com 7 anos, aumentando assim as minhas responsabilidades, pois estudava a noite, trabalhava durante o dia nessa escola de datilografia e nos intervalos da manhã, meio dia e a tardinha, cuidava das minhas irmãs, mas as minhas amigas também me ajudaram muito.

Socorro: Monsenhor Sebastião foi uma pessoa que nos orientou com muita sabedoria, ele agia como um pai bondoso e preocupado com o bem estar de cada um de nós e nós tínhamos um grande respeito e admiração por aquele grande homem, para mim ele foi um segundo pai, então foi assim a minha vida no educandário, agradeço a Deus todos os dias por ter encontrado, por eu ter entrado naquele dia naquela farmácia, agradeço a Deus todos os dias, porque se não fosse, se eu não tivesse entrado ali, se eu não tivesse sido convidada a estudar, eu estaria recebendo o bolsa família hoje, os 90 reais, os 100, os 180 reais a bolsa família, então só tenho a agradecer meu Deus, brigada Deus, então Lúcia, foi assim.

Socorro: No ano seguinte, em 1985, iniciei minha trajetória como professora, na época o estado não fazia concurso público, ele contratava, foi assim que ingressei em uma escola, ou seja, ingressei no estado e fui trabalhar numa escola de ensino fundamental.

Socorro: Ao sair do educandário busquei com muita garra meu primeiro emprego, pois as necessidades me induziram a ser corajosa, consegui trabalhar na prefeitura.

Socorro: Iniciei com 7^a e 8^a série, lecionava diversas disciplinas, dois anos depois devido a carência de professores de matemática na escola, me convidaram para ensinar matemática, eu aceitei com muito gosto.

Socorro: Então eu senti necessidade de inovar, né, de crescer, medo de ficar com o salário muito baixo e não conseguir sobreviver, passar por necessidade novamente, daí eu resolvi fazer um concurso, né, que surgiu na cidade, também o vestibular, porque com o dinheiro do, do, da prefeitura, no caso o concurso era da prefeitura, com esse dinheiro eu pagaria a minha faculdade e assim eu fiz e deu certo, terminou, terminei em tempo hábil, fiz a minha faculdade de matemática e fui lecionar nas escolas que existia na cidade, onde eu já trabalhava no estado, na prefeitura, ainda tinha o colégio, foi o colégio onde eu estudei, fiquei trabalhando por algum tempo, por vários anos os 3 turnos com muita dedicação e com muito prazer, né, servir a minha cidade e crescer, né, e eu fiquei feliz por isso.

Socorro: Pois bem, quando mencionei que o educandário só me trouxe pontos positivos foi porque lá eu aprendi a me defender, a buscar, a ter coragem, a ser humana, sensível, sobretudo acreditar em mim mesma.

Entrevista ocorrida em 19 de março de 2021.

APÊNDICE H – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DE MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, incluindo os grupos que por si só ou por seus representantes legais necessitam a sua própria participação no processo"

(Resolução CNS 466/12)

Eu, Maria do Socorro dos Santos, tendo sido com iludido(a) a participar como voluntária do estudo "História e Memória dos Estudantes do Educandário, Razar, coser e costurar: O Ensino de joventes no Educandário", sob a orientação da Srta. Graduada Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva, do Curso de Licenciatura em História, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: infortúnio de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa são de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes:
 - a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos;
 - b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Água Branca - AL, 19 03, 2021

Maria do Socorro dos Santos
Assinatura ou impressão digitalizada do(a) voluntário(a) entrevistado

APÊNDICE I – ENTREVISTA COM MARIA DA PENHA SANDES

Maria Lúcia: Boa tarde, Dona Maria da Penha.

Dona Maria da Penha: Boa tarde!

Maria Lúcia: É é é, meu nome é Maria Lúcia Pereira dos Santos, sou graduanda do curso de história da Universidade Federal de Alagoas, e gostaria de saber se a senhora pode conceder uma entrevista para a minha pesquisa?

Dona Maria da Penha: Meu nome é Maria da Penha, nasci no ano de 1936, no povoado Tingui (Pássaros ao fundo)

Dona Maria da Penha: Nasci no dia 04 de abril de 1936, filha de Antônio Sandes de Oliveira e Marina Santos de Barros.

Dona Maria da Penha: 10 irmãos e faleceram 4. (barulho de baque)

Dona Maria da Penha: No educandário, prestava serviços na cozinha, no educandário (atrapalha a palavra), no (pausa da entrevistada tentando lembrar), no dormitório, ensinava as crianças alfabetizava, trabalhava no no no (pausa tentando lembrar) na secretária, tirando certidões e etc.

Maria Lúcia: Que certidões eram essas Dona Maria, que a senhora fazia?

Dona Maria da Penha: Eram certidões de batismo, era de casamento.

Maria Lúcia: E além da da senhora fazer essas, esse trabalho na secretária de certidões nascimento, de batismo, o que a senhora fazia amais no educandário? É também eu soube que a senhora, fazia hóstia junto com a Dona Helena.

Dona Maria da Penha: Também fazia hóstia, trabalhei na farmácia.

Maria Lúcia: A senhora também fazia ro é enxovais para dá os noivos ou só era Dona Helena?

Dona Maria da Penha: Eu ajudava, dava ajuda de mão.

Maria Lúcia: E além da senhora fazer, é que ajudava Dona Helena a fazer essa costura de mão, a senhora também fazia parte de, de pra ajudar, fazer o enxoval das crianças da catequese, da crisma. O que a senhora mais fazia no educandário? Além de fazer hóstia, e trabalhar na farmácia, trabalhar na secretária. O que mais a senhora fazia?

Dona Maria da Penha: Eu ajudava lá em tudo! Tudo tudo que precisa-se, que eu agora já to de idade, também não me lembro de tudo, como uma criança se lembra!

Maria Lúcia: Dona Maria, a senhora estudou em qual escola? A senhora lembra qual foi a escola que a senhora estudou? O nome da escola, ou nome dos professores da senhora?

Dona Maria da Penha: Primeiro eu estudei que morava no povoado Tingui, eu estudei a quarta série.

Maria Lúcia: A senhora lembra?

Dona Maria da Penha: Depois vim morar aqui na cidade, continuei estudando no no no no Domingos Moedas (pássaros ao fundo)

Dona Maria da Penha: O grau que eu estudei, foi a quarta série primária, mas não tenho inveja de quem está, estudou a a a

Dona Maria da Penha: De quem estudou mais do que eu!

Maria Lúcia: A senhora recorda assim, algum nome de algum dos professores? Que a senhora estudou, que a senhora tem assim uma boa lembrança dos professores que a senhora estudou na época, lá no Moedas?

Dona Maria da Penha: Meu primeiro professor foi Maria Xavier, foi onde eu estudei no povoado Tingui, depois que vim pra cidade, foi Maria Helena, não me lembro mais (fala baixinho).

Maria Lúcia: Mas, essa Maria Helena foi Dona Helena, ou é outra Maria Helena?

Dona Maria da Penha: Outra Maria Helena! Filha de Maria Eleonora Nunes.

Maria Lúcia: Ah, essa Maria Eleonora Nunes, era filha da irmã do Coronel Lises Nura?

Dona Maria da Penha: É, era neta do Coronel Lises Nura, e também me esqueci do outro (fala baixinho)

Dona Maria da Penha: Primeiro eu estudei com Dona Maria Helena Nunes da Torres. Segundo eu estudei com (pausa da entrevistada tentando lembrar)

Maria Lúcia: Como era o nome daquela professora, que era irmã da doutora Quitéria, que a senhora havia falado?

Dona Maria da Penha: Dona Celestina Bezerra!

Maria Lúcia: Ah! Dona Celestina Bezerra.

Dona Maria da Penha: Encerrou a seção, porque eu não lembro mais.

Dona Maria da Penha: Um um meses, Monsenhor me convidou, pra ir pro educandário, eu aceitei, mas minha mãe não aceitou! Eu tinha um irmão, ai que veio de São Paulo, e deu conselho a ela pra deixar. Meu pai também deixou, então ela consentiu e eu fui pra lá.

Dona Maria da Penha: Ele me convidou, e falou pra mim, que lá no educandário, eu eu ia ser como uma freira, porque eu ia tomar conta de criança, né? Então eu aceitei.

Maria Lúcia: O que a senhora fazia antes do educandário?

Dona Maria da Penha: Antes de morar no educandário eu ajudava a minha mãe dentro de casa, nos trabalhos domésticos, dava aula as crianças (não compreendi fala embolada)

Maria Lúcia: Aula particular?

Dona Maria da Penha: Em aula particular, depois foi que apareceu, as outras professoras que se formaram, e eu fiquei trabalhando por conta da prefeitura.

Maria Lúcia: Como a senhora foi trabalhar na prefeitura Dona Maria da Penha? Foi concurso ou a senhora recebeu um convite? Quem era o prefeito na época? Era um prefeito ou uma prefeita?

Dona Maria da Penha: Não, antes eu eu eu ensinava particular. Depois recebi um convite da prefeita Dona América Torres, para ensinar por conta da prefeitura.

Dona Maria da Penha: Porque, eu digo alegria, por quê? A pessoa que me levou, já era diretora de lá do educandário, fazia tudo com alegria, com amor, com a gente. Tanto para as que são ajudantes lá, que trabalhavam lá, como para as crianças.

Maria Lúcia: A senhora pensou alguma vez em desistir da sua missão no educandário?

Dona Maria da Penha: Não! Nunca desisti, porque quando eu vim do convento, tive o convite com Monsenhor Sebastião, eu fui pra lá com firmeza, então nunca houve arrependimento.

Dona Maria da Penha: Pra finalizar (pausa da entrevistada) pra fina, pra finalizar eu posso dizer: “Se eu soubesse que tu vinha, fazia uma dia maior, dava um nó na fita verde, e prendia no raio do sol” (rima feita por Dona Maria)

Dona Maria da Penha: “Meu coração é uma gruta, todo enfeitado de graças, onde guardo com carinho, Nossa Senhora das Graças”.

Dona Maria da Penha: Esses poemas, foi Deus que me ensinou.

Dona Maria da Penha: “Menina dos olhos d’água, me dá água pra beber, não é sede não é nada, é vontade de lhe te ver”.

Dona Maria da Penha: A diretora que me levou pra Paulo Afonso, era Helena Rodrigues Lima.

Maria Lúcia: E a senhora lembra quantos cursos existiam no educandário? Quais era esses cursos que existiu?

Dona Maria da Penha: Que eu me lembro mesmo, era o de costura, bordado, e as de culinária. Os professores de costura e bordado era Helena Rodrigues Lima e Aparecida Barralho, de e Nora Cipriano, as de culinária.

Maria Lúcia: A senhora lembra Dona Maria da Penha com quantos anos a senhora foi morar no educandário?

Dona Maria da Penha: Eu ainda não tinha 28 anos completo (pássaros ao fundo)

Maria Lúcia: E a senhora lembra o ano... (foi interrompida por Dona Maria)

Dona Maria da Penha: O ano foi em 83.

Maria Lúcia: Se a senhora não tivesse ido morar no educandário, a senhora teria procurado?

Dona Maria da Penha: Eu tinha procurado o convento. Porque, eu já participei 6 meses, lá no convento em Recife, mas, eu não tinha saúde. Não me dei lá. E a madre, eu pedia pra madre pra sair, a madre disse que tava certo que ia falar comigo pra sair, mas, que eu não deixasse de procurar outro convento. Porque, eu dava pra ser uma freira, agora que a doença não deixou, que não me dei bem nesse local, depois.

Maria Lúcia: E o que a senhora mais gostava de fazer no educandário?

Dona Maria da Penha: Adorava cozinhar, tomar conta das crianças do educandário (pássaros cantando)

Maria Lúcia: E assim, o que a senhora, quais são as melhores lembranças que a senhora tem de lá do educandário, da época que a senhora viveu seus 30 anos.

Dona Maria da Penha: Tenho muitas lembranças do meu Monsenhor Sebastião, de conviver com minha amiga Helena que mesmo que ser uma irmã, também das crianças que eu tomei conta. Ainda hoje eu me recordo, quando eu passo por lá, tiro a vista pra não (fala emocionada)

Maria Lúcia: A senhora tem aquele sentimento de de que fica emocionada.

Dona Maria da Penha: Sim, eu fico emocionada, é claro!

Dona Maria da Penha: Quando eu cheguei lá, ela falou a a a diretora, a superiora (não compreendi) ia mandar eu sair também eu sair. Mas, já como eu tinha ido eu sair mesmo, mais agora eu dava pra ser freira quando eu chegasse e procura-se outro convento. Lugar que desse certo, eu ficar por causa de minha saúde, eu tive muita febre, muita febre eu tive lá.

Dona Maria da Penha: E a única (pausa entrevistada) tive um convite do padre monsenhor Sebastião, pra ir trabalhar no educandário. Lá passei mais de 30 anos, (pausa da entrevistada) lá me aposentei em 92, e pronto.

Dona Maria da Penha: Está noite a meia-noite, quase morro em sorrir, em ver uma formiguinha, se arrumando pra fugir.

Maria Lúcia: Dona Maria, a maior alegria que a senhora teve durante os trinta anos, que a senhora viveu no educandário?

Dona Maria da Penha: A maior alegria que eu (pausa da entrevistada) que eu tive lá no e educandário, foi o convite que Monsenhor fez, né? De quando chegando lá receber as crianças, cada uma também com um sorriso (pausa da entrevistada)

Maria Lúcia: A senhora teve assim, a senhora recorda qual foi uma das maiores tristezas que a senhora teve durante os 30 anos, ou a senhora não teve tristeza?

Dona Maria da Penha: A maior tristeza que eu tive no educandário, foi quando eu quebrei meu tornozelo que precisou (barulho de algo sendo aberto), me levaram para Paulo Afonso, mas de qualquer maneira, quem me levou foi com alegria, então me senti feliz!

Dona Maria da Penha: Meu nome é Maria da Penha, nasci no povoado Tingui, tenho 83 anos.

Dona Maria da Penha: Minha mãe não quer que eu use sabonete eucarol, mas, agora eu estou amando rapazinho de Maceió.

Entrevista ocorrida em 23 de novembro de 2020.

**APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
DE MARIA DA PENHA SANDES**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe sob consentimento livre e esclarecido dos participantes, individualmente ou grupos que queira ser visto por seus representantes legais constituídos e sua adesão à participação na pesquisa"
(Resolução CNS, 466/12)

Eu, Maria da Penha Sandes, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo "História e Memória dos Estudantes do Educandário. Rezar, coser e costurar: O Ensino de jovens no Educandário", sob a orientação da Srta. Graduada Maria Lúcia Pereira das Santos Silva, do Curso de Licenciatura em História, responsável por sua execução, as seguintes informações que me foram entendidas sem dificuldades e sem dúvidas as seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa são de caráter sigiloso e os participantes serão qualificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes:
 - a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos;
 - b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em defe participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Água Branca - AL, 23.11.2020

Maria da Penha Sandes
Assinatura ou impressão (atiloscopia) do(a) voluntário(a) entrevistado

ANEXO 1 – ATESTADO RELATANDO OS NOMES DAS INTERNAS

ATESTADO

Atesto que as Obras Sociais da Paróquia de Água Branca, mantém um Internato com o nome Educandário Nossa Senhora do Rosário e as seguintes senhores:

1. Maria Lucia dos Santos
2. Nair Maria dos Santos
3. Edileusa de Araujo Bezerra
4. Neusa Bezerra de Araujo
5. Edite Alves Andrade
6. Ana Maria da Conceição
7. Maria Joana D'Almeida Sousa
8. Maria Galateia de Barros
9. Marilene Vieira de Oliveira
10. Maria de Fátima Portuguesa
11. Maria de Fátima Rodrigues
12. Carmelita Ferreira Lima
13. Edna dos Santos Silva
14. Cicera Alencar Nôia
15. Josefa Bezerra Lima
16. Maria de Fátima dos Santos
17. Lucia Pereira da Silva
18. Maria Helena da Silva
19. Maria Solange Lima
20. Maria Lucia Costa
21. Petrusia Barros Lima
22. Marlene Pereira da Silva
23. Maria José Lima Barros
24. Judite Sousa
25. Sonia Maria Andrade
26. Sinésia de Sousa Barros
27. Juvania Pereira dos Santos
28. Djanira Timóteo

29. Vilma Marques Dias
30. Arlene da Conceição
31. Josefa Maria da Silva
32. Cicera Balbino
33. Maria José Balbino
34. Maria do Socorro Barros
35. Ivete Vicente de Melo
36. Izaura Alves da Silva
37. Selma Cordeiro Aleixo
38. Maria Reimunda Lima Silva
39. Elisabeth Alves Lima
40. Rensusa Maria da Conceição
41. Maria Luiza dos Santos
42. Maria Arlene da Silva
43. Maria Salete Sandes
44. Maria de Fátima Oliveira
45. Valderês da Silva
46. Marinalva dos Santos
47. Maria José
48. Rosa Maria Vieira
49. Rosana Marques
50. Maria Gorete dos Santos
51. Solange Evaristo da Silva
52. Sônia Regina Evaristo da Silva
53. Quitéria Evaristo da Silva

Água Branca, 04 de junho de 1970.

Juis de Direito

ANEXO 2 – ARQUIVO DE FOTOS DE DONA MARIA HELENA

Primeira turma formada na Eucaristia



Acervo: Arquivo Pessoal de Maria Helena Rodrigues Lima. S/D.



Acervo: Arquivo pessoal de Maria Helena Rodrigues Lima. S/D.

Monsenhor Sebastião recebendo uma homenagem



Acervo: Arquivo pessoal de Maria Helena Rodrigues Lima. S/D.

Momento de diversão nas horas vagas



Acervo: Arquivo pessoal de Maria Helena Rodrigues Lima. S/D.



Acervo: Arquivo pessoal de Maria Helena Rodrigues Lima. S/D.

ANEXO 3 – ARQUIVO DE FOTOS DONA MARIA FÁTIMA PORTUGUESA



Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
 E. critório — Rua Barão de Penedo, 318 — Sala: 2 e 3
 MACEIÓ—ALAGOAS

Nome do menor MARIA DE FÁTIMA PORTUGUESA

Data de nascimento... 4 de setembro de 19. 56 ..

Nacionalidade: Brasileira

Responsável: Mons. Sebastião Alves Bezerra

Endereço: Água Branca

Colégio: ORFANATO N. SENHORA DO ROSÁRIO

Acervo: Arquivo pessoal de Maria de Fátima Portuguesa.